

**EDUCAÇÃO NA CASA DE QUITÉRIA COMO CAMPO PARA PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS: UMA AGENDA DE LUTAS ANTIRRACISTA**

Fabiana Gonçalves de Souza¹

Cassio Expedito Galdino Pereira²

Cicera Nunes³

Resumo

Este trabalho tem por objetivo compreender como se configura o papel do profissional de Pedagogia na gestão do espaço cultural Casa de Quitéria e contribuir para uma educação antirracista por intermédio das práticas pedagógicas não-formais ali desenvolvidas. A metodologia se divide em quatro fases: levantamento de dados, observação participante, análise de dados e elaboração de agenda de atividades antirracistas a serem realizadas na Casa de Quitéria. O material produzido estabelece parceria com a gestão do espaço, estimulando para que haja o fortalecimento às práticas de resistência diante de um país de racismo estrutural o qual mantém os negros e indígenas à margem da sociedade. Este trabalho incentiva o reconhecimento quanto as culturas e polítics ancestrais ali presentes e evidencia a importância da valorização dos saberes/fazeres identitários naquela comunidade.

Palavras-Chave: Educação Antirracista. Casa de Quitéria. Valorização identitária.

Introdução

Considerando o recorte temporal das últimas décadas, podemos perceber o quanto tem sido posto em pauta as contribuições da atuação dos profissionais de Pedagogia em espaços não escolares. A Pedagogia é um campo de estudo que é importante para a sociedade, pois permite refletir, sistematizar e construir conhecimentos para o processo de aprendizagem dos sujeitos sociais. Pedagogas/os possuem vários espaços sociais para atuarem, desde sindicatos, espaços culturais, organizações não governamentais, associações de moradores, empresas, hospitais, casas de acolhimentos, Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), fóruns de judiciário, Defensorias Públicas, etc.

Dessa forma, a atuação dos profissionais de Pedagogia vai além de trabalhar e gerir espaços escolares formais, pois estes, planejam, desempenham, administram e avaliam ações

¹ Discente do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Regional do Cariri-URCA. Crato - CE, Brasil. Bolsista de Iniciação Científica FUNCAP/URCA. E-mail: fabiana.souza@urca.br.

² Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Pernambuco. Recife - PE, Brasil. E-mail: cassio.expedito@gmail.com.

³ Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Professora Adjunta vinculada ao Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri - URCA. Professora Permanente do Mestrado Profissional em Educação e do Mestrado Profissional em Ensino de História da URCA. Crato - CE, Brasil. E-mail: cicera.nunes@urca.br.

educativas para produção de conhecimentos sociais que reverberam diretamente no cotidiano. Aliado a isso, e, considerando a consciência política de coletivos e grupos sociais marginalizados, impulsionam novas abordagens teóricas e práticas na Pedagogia, como é o caso das comunidades tradicionais, povos indígenas em retomada e populações negras. A Pedagogia, como campo social, necessita pensar o direito à educação que atenda os interesses e anseios desses sujeitos.

O fio condutor dessa discussão nos coloca a pensar: quais as contribuições dos profissionais de Pedagogia para políticas em espaços de resistências, especialmente com ações afirmativas para grupos étnico-raciais em comunidades tradicionais? Em outras palavras, como a Pedagogia pode realizar práticas organizativas para a luta de direitos, emancipações e alicerces dos movimentos do campo frente aos ataques do sistema capitalista que atinge principalmente populações negras e indígenas?

Nesse sentido, o presente trabalho tem o objetivo de compreender as contribuições dos profissionais de pedagogia na gestão da Casa de Quitéria, identificando os desafios e impactos enfrentados por esses profissionais e como as práticas ali desempenhadas vão ao encontro de uma educação antirracista. Como objetivos específicos foram delimitados: I) Compreender as possibilidades e desafios do pedagogo/a frente a gestão da casa de Quitéria. II) Refletir sobre a atuação do/as pedagogo/as quanto a educação antirracista na casa de Quitéria; III) Descrever sobre as proposições antirracistas no espaço cultural Casa de Quitéria.

Metodologia

Para alcançar estes propósitos a pesquisa foi dividida em quatro etapas. A primeira etapa foi feita os levantamentos de dados (bibliográfico e documental), onde se dedicou em entender sobre o tema em consonância com a realidade socioespacial. Nesse ponto, foi feito o levantamento de literaturas que tratassem sobre Educação das Relações Étnico-Raciais Nunes e Coelho (2022), Educação e Gestão de Espaços Não-Formais Modesto e Pereira (2021) e práticas formativas educacionais com foco no museu vivo e mapeamentos sociais Almeida (2018). Os documentos colhidos estavam disponíveis na Casa de Quitéria e no Laboratório de Estudos e Pesquisa em Espaço Urbano e Cultura (LEPEUC) da Universidade Regional do Cariri (URCA).

A partir desse material coletado foram realizadas visitas entre outubro de 2023 a março de 2024 na Casa de Quitéria e nos sítios circunvizinhos, sendo estes Baixio das Palmeiras, Oitis, Muquém e Chapada do Baixio. Essas visitas tiveram o intuito de realizar observações participantes para compreender o contexto dessas comunidades e saber as práticas realizadas na Casa de Quitéria. A partir disso foi feito anotações de potencialidades existentes na comunidade. A partir disso pode se pensar propostas de atividades antirracistas a serem realizadas na Casa de Quitéria.

Retomadas para outras pedagogias

Em um país onde o racismo está naturalizado, trabalhar uma Educação Antirracista é mais do que uma necessidade, sendo um dever. Por esse sentido, a obrigatoriedade da Educação das Relações Étnico-Raciais promulgadas pelas leis 10.639/03 e 11.645/08 devem ser respeitadas e implementadas na Educação Formal. No entanto, Arroyo (2014) considera que o papel político de lutas e resistências dos movimentos sociais ao longo do século XX trouxeram a necessidade de repensar a Pedagogia trabalhada na Educação. Sujeitos sociais, como camponesas/es, negros/as e indígenas, que foram historicamente excluídos e marginalizados, começaram a reivindicar que suas histórias e culturas fossem trabalhadas com crianças e adolescentes.

Contudo, ainda é persistente o silenciamento e exclusão nos currículos e práticas pedagógicas temas voltados para estes sujeitos. Como Gadotti (2005) considera, na ausência da Educação o indivíduo fica inviabilizado de ter conhecimento acerca de seus direitos e deveres, como também sobre os bens e serviços que são obrigatoriamente colocados à disposição da sociedade. Essa situação piora quando a pessoa é negra, pois é preciso construir a identidade negra a partir dos saberes e fazeres ancestrais, promovendo as crianças positivamente e vendo as suas demandas cotidianas (Silva, 2020; Ratts, 2020). Arroyo (2014) considera que isso leva estes sujeitos tencionarem por outras pedagogias, levando os movimentos a reeducarem com o pensar e fazer em transe, impulsionando ações coletivas.

Nessas ações coletivas é que surge experiências educativas em espaços não formais. Educação não formal surge da Pedagogia Social, caracterizada pelas experiências articuladas fora o eixo centralizador da escola, promovido por grupos excluídos para formação e capacitação no processo educativo (Ferreira, Sirino, Mota, 2020). Para além do espaço escolar,

a educação não formal entende que há processos educativos que surgem em movimentos sociais, organizações da sociedade civil e manifestações culturais. É preciso salientar que o debate das ações afirmativas para grupos discriminados e excluídos nos coloca a pensar o debate do incômodo dos corpos negros que acessam os espaços escolares (Ratts, 2011; Gomes, 2003).

A construção da identidade negra passa por inúmeras situações, “desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo” (Gomes, 2003, p. 171). Por isso, desde os anos 1970 que o Movimento Negro de base acadêmica (Ratts, 2011) tem provocado campo de atuação para trabalhar a identidade negra e, nas últimas décadas, centrado os esforços na infância (Silva, 2020; Gomes, 2003). Sobre isso, Bezerra e Nunes (2021) salientam que, pela questão de reafirmação da identidade negra e indígena, os Movimentos Negros cearenses vêm colaborando e lutando por políticas de ações afirmativas para identidade negra através da Educação e formação.

Para Santos, Silva e Silva (2022), a Educação das Relações Étnico-Raciais tornou-se uma centralidade no Cariri cearense pelo legado da história que marca a presença negra nessa região trazendo inúmeros estudos e o Grupo de Valorização Negra do Cariri (GRUNEC). Por esse sentido, nas andanças temporais/espaciais/ancestrais no AfroKariris é possível constituir associações entre o lugar do negro e a Educação (Santos, Silva, Silva, 2022). Corpos indígenas e afrodescendentes produzem o espaço caririense e mostram que houve resistência aos ataques feitos pela branquitude para apagá-los dos mapas. Patrimônios e inscrições culturais estão presente nesse território, mas não estão nos currículos prescritos e práticas escolares.

Dessa forma, a história e cultura africana, afro-brasileira e indígena acaba sendo um assunto pouco discutido na vida cotidiana. Mesmo em sala de aula, onde sabe-se que as leis 10.639/03 e 11.645/08, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), tornando obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nas redes de ensino básico do país, ainda é precário o tratamento desse assunto. Por esse sentido, Martins e Amaral (2023, s./p.) argumentam que “uma educação antirracista implica enxergarmos outros sujeitos e que demandam de nós outras práticas pedagógicas, que não as tradicionais”. Baseado em Silva (2017), é notório que pelos princípios da educação libertadora, os movimentos sociais

negros do Cariri buscam acesso aos seus saberes ancestrais e sociais, articulando e produzindo bases epistêmicas para fundamentar a vida cotidiana. Como Silva (2017) argumenta,

Para dar conta desse desafio, torna-se necessária a construção de práticas pedagógicas fundadas em perspectivas inovadoras de congregação de todos/as envolvidos/as nos processos de retomada de valores e saberes. Exige-se, ainda, a elaboração de novos conhecimentos que se expressam em ideias, conceitos, paradigmas imprescindíveis à construção de matrizes epistêmicas interculturais, orientadas para o enfrentamento de estruturas de educação governadas pelas concepções: monolíngue, monocultural e disciplinar.

Ainda que se busque resgatar essas histórias, culturas e saberes, não se denomina como uma tarefa fácil, por ser algo que já foi muito presente tantos anos atrás, acaba sendo uma responsabilidade um tanto maior, conforme afirma Silva (2017) ao analisar os povos indígenas. Para ela, possivelmente, por conta da modernização e o “tudo pronto” existente atualmente, onde atrai mais olhares e atenção do que os ritos e naturalidades provenientes da ancestralidade. Por isso, Silva (2017, p. 207) argumenta que “A pedagogia da retomada problematiza a questão trazendo para o debate a espessura da diversidade epistêmica do mundo”.

Dessa maneira, é preciso fortalecer os movimentos sociais negros e indígenas do Cariri cearense com articulações que conectam os saberes e movimentam pelas comunidades. Com isso, a Educação entendida como não restrita ao ambiente escolar, coloca a presença do/a pedagogo/a pensar como espaços não formais podem expressar um significado ampliado de conceitos para a vida humana (Severo, 2015). Como Libâneo (2006) lembra, o trabalho do profissional de Pedagogia vai muito além da sala de aula, podendo abranger eixos sociais, econômicos e culturais. Dessa maneira, o Movimento Negro do Cariri cearense busca construir essa Pedagogia da Retomada das temáticas étnico-raciais para uma Educação Antirracista, fortalecendo a identidade pelo território dos povos indígenas a partir das elaborações culturais e políticas (Ratts, 2020).

Outras pedagogias na Casa de Quitéria

O Espaço Cultural Casa de Quitéria está situado no sítio Baixio das Palmeiras, pertencente ao distrito que possui o mesmo nome, localizado no município de Crato, fica na porção Sul do Estado do Ceará. Este distrito, estando sua área territorial dentro do vale próximo

a Chapada do Araripe, possui 11 comunidades rurais, possuindo em média 402 famílias e 1346 habitantes⁴. Nas imediações do Baixio das Palmeiras outras comunidades contribuem para a visibilidade que é dada ao local, que são: Baixio dos Oitis, Baixio do Muquém, Chapada do Baixio, os Monteiros e os Belos.

Essas comunidades estão sendo alvo de ações conflituosas do Estado, principalmente quando se trata de território. Atualmente, os povos negros e indígenas que vivem entre as comunidades de Baixio das Palmeiras tem sofrido com a obra hídrica do Cinturão das Águas do Ceará (CAC). Essa obra, que coloca que fará o fornecimento de água para as localidades que sofrem com a seca, tem destruído patrimônios e apagados histórias, criando conflitos em territórios. Assim como o CAC, outras obras e ações governamentais são vistas na região do Cariri como forma não somente de beneficiar, mas que também prejudicam principalmente essas pessoas que vivem em comunidades afastadas da zona urbana.

Perante o exposto, a Casa de Quitéria surge não apenas numa forma de honrar a senhora Quitéria Ferreira Nobre, ex-moradora da residência, mas para trazer um espaço de força e resistência da identidade dessas comunidades. Diante disso, a Casa de Quitéria é definida como espaço de cultura, memória e resistência, possuindo como eixos estruturantes temáticas alusivas a própria cultura, da cultura ao meio ambiente através da agroecologia e a educação popular. A Casa de Quitéria possui traços que remetem a ruralidade e a ancestralidade que até então segue em zelo na comunidade. Tendo uma vasta dimensão, seu chão é em cimento batido, suas paredes feitas de barro, um alpendre que o qual é sustentado com madeiras retiradas das matas da própria localidade, além de um fogão a lenha que contribui para que o espaço seja visto e rememorado enquanto lugar de memória.

Hoje em dia, a Casa de Quitéria é um espaço provedor de cultura, memória e resistência, mas também permite momentos de lazer e partilhas de saberes/fazeres identitários. Por meio rodas de conversas, exposições de filmes, oficinas e outras atividades, a comunidade se reúne com a finalidade de conhecer mais e compartilhar os saberes que possuem. Contando com uma gestão de dez membros, a Casa de Quitéria tem um horário de funcionamento diversificado, de

⁴ Dados disponibilizados pela gestão da Casa de Quitéria.

segunda a sexta-feira das 8h às 17h e aos sábados das 8h às 11h, porém, ao momento em que surgem novos projetos e novas atrações esses horários vão se alterando.

As seis comunidades que dão maior visibilidade à valorização dos movimentos ancestrais, possuem grupos de manifestações como o maneiro pau e coco de roda e desfrutam de outros espaços culturais além da Casa de Quitéria, como a Casa de Farinha Mestre Zé Gomes e o Grupo das Fuxiqueiras da Chapada do Baixio. Permitindo assim, que a valorização dos saberes e fazeres negros e indígenas daquelas localidades sejam vistos, lembrados e reconhecidos.

Diante das ações desenvolvidas com a finalidade de repassar os conhecimentos culturais, as parcerias entre a Casa de Quitéria com universidades da região tem sido fundamentais nas contribuições em as rodas de conversa e oficinas. Porém, a presença de profissionais e/ou discentes do curso de pedagogia era ausente, sendo uma participação necessária para discutir as pautas de raça de forma a atender as demandas desde a infância. Estes podem fortalecer com práticas que possibilitem uma aprendizagem a partir dos processos vivenciados (Severo, 2015).

A partir das manifestações socioculturais existentes nas comunidades é possível se compreender sobre determinada cultura, mas há carência nas discussões em torno das temáticas antirracistas. A presença do/a pedagogo/a contribui na proposição dessas atividades voltadas exclusivamente para pautas em torno da luta antirracista para a população mais jovem. Podendo contribuir desde jogos didáticos que os represente até a compreensão de modo lúdico sobre a sociedade que os rodeiam, a forma com que os atacam, como e porque os perseguem.

Enquanto atividade frequente na Casa de Quitéria, as rodas de leitura são as que mais acontecem, dando a possibilidade de apresentar para os ouvintes os textos e contextos em que autores/as negros/as e indígenas estão inseridos. A figura 1 refere-se a uma roda de conversa promovida pela gestão da Casa de Quitéria, onde é visível a forte presença de adultos enquanto ouvintes do momento. Ressalta-se que este espaço hoje possui uma biblioteca comunitária, onde leva inúmeros jovens se reunirem para ter acesso à livros, mas muitos poucos são voltados para relações étnico-raciais. A partir disso, pedagogos/as podem ajudar a levantar quais obras poderiam ser compradas e trabalhadas, como clássicos (Machado de Assis, Lima Barreto, Mário de Andrade, etc.), obras contemporâneas (Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus,

Ana Maria Gonçalves, Itamar Vieira Júnior, Julie Dorrico, Daniel Munduruku e Aílton Krenak, etc.) e literatura infanto-juvenis (Lupita Nyong'o, Emicida, Monika Vaicenaviciene, Heloisa Pires Lima, Eliane Potiguara, etc.).

Figura 1- Roda de conversa na Casa de Quitéria



Fonte: Arquivo da Casa de Quitéria (2023)

Outro momento comum é o ‘Cine Quitéria’, que consiste na exibição de filmes para a comunidade, mais uma oportunidade de dar visibilidade às histórias desses povos, e a partir dessas exibições momentos recreativos abordando o que foi visto e compreendido. Na figura 2 ocorre o ‘Cine Quitéria’, evidenciando a forte presença das crianças das comunidades. Este momento pode ser utilizado como momento de dispositivos para traçar sobre suas identidades negras e indígenas, bem como tratar de preconceitos vividos. Nesse sentido, filmografias contemporâneas da *DC Comics*, *Marvel* e *Disney*, bem como obras brasileiras e independentes em ser exibidas como momento de entretenimento com construção identitária após as exibições, realizando rodas de conversas sobre os filmes.

Figura 2 – Cine Quitéria na Casa de Quitéria



(Arquivo da Casa de Quitéria (2024))

A gestão da Casa de Quitéria promove para as crianças e jovens a Colônia de Férias, que consiste em dar primazia às brincadeiras antigas, aos contos populares, trilhas ecológicas e várias outras atrações voltadas às pautas ancestrais. Desse modo, as crianças e adolescentes tendem a ficar a par do lugar em que vivem e das histórias que carregam, de modo que, o que está sendo vivenciado por eles fará parte de suas trajetórias. Nesses momentos podem ser apresentados como locais para brincadeiras patrimônios e tecnologias de base africana, como propõem Santos, Silva e Silva (2022), dentre os quais a Casa de Farinha do Mestre Zé Gomes e casarões do tempo da colonização. Imaterialidades podem ser acessadas com as histórias orais de rezadeiras, mezinheiras e mestres de culturas. Visitas ao Chico Gomes, Olho d'Água do Baixio do Muquém e 'pedra do índio' possibilitam narrar sobre a presença dos povos indígenas nesse território, levando a possibilidade de pensar práticas pedagógicas que visem trabalhar a interculturalidade (Silva, 2017).

Cabe salientar, o quão importante é solicitar a essas crianças a reprodução dessas experiências por meio de mapas vivenciais enquanto integrantes de uma comunidade negra ou indígena. Cativar os seres pensantes que são, estimulá-los enquanto pessoas críticas diante da sociedade e suas imposições é fundamental para levá-los a serem resistentes independentemente da situação. Estes mapas trarão mais do que localizações do espaço, mas

esses enredos o patrimônio AfroKarirínse com as histórias orais das ancestralidades e mestras/es negras/os e indígenas do Baixio das Palmeiras.

Sendo assim, como contribuição para uma educação antirracista a presença de atividades lúdicas, como estes jogos e brincadeiras, potencializam Educação das Relações Étnico-Raciais (Silva, 2020). Não se limitando ao jogar, mas em saber como se deu a origem do jogo e as particularidades de como ele pode contribuir para o fortalecimento e reconhecimento de quem o joga. Uma potencialidade disso é trazer para a Casa de Quitéria o jogo Mancala. De origem africana, considerado o jogo mais antigo do mundo (criado cerca de 2.000 atrás), é possível identificar nele diversas habilidades a serem trabalhadas com as crianças, sem dispensar o jovem e/ou adulto enquanto jogador também. Entre funções matemáticas, raciocínio lógico e memorização, a origem dele consiste na representação das plantações, colheitas e a precisão de sementes de trigo, podendo representar também o ciclo da vida e previsões.

Abordar jogos africanos e indígenas com conceitos e histórias sobre sua cultura, tem relevância ao tratar da cultura corporal, fortalecimento da cultura e a diversidade das culturas existentes. Evidenciando a importância e a contribuição que esses jogos e brincadeiras tem diante da disparidade cultural ao longo das gerações.

Considerações finais

As constantes discussões em torno da temática étnico-racial na Educação, especialmente pelas leis 10.639/03 e 11.645/08, obrigou que as Movimentos Negros tratassem as histórias e culturas africana, afro-brasileira e indígena junto com as comunidades. Tais fatos trouxeram como centralidade a Educação e formação como possibilidade de construção identitária negra e indígena. O Espaço Cultural Casa de Quitéria pode ser um desses pontos que fortaleçam povos negros e indígenas a resistirem as desigualdades raciais. Por essa razão, se conclui que juntamente aos gestores da Casa de Quitéria, o/a pedagogo/a tem papel crucial quanto a necessidade de aperfeiçoar as metodologias em torno dos debates antirracistas em espaços culturais. Compreender, debater e ensinar sobre o antirracismo é uma ação que vai além do achismo, é cultura e é política, ao trabalhar com crianças deve ser lúdico, deve ser pedagógico.

Referências

Realização:



URCA
Universidade Regional do Cariri



AINPGP
ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL
DE PEDAGOGIA ORGANIZAÇÃO

- ARROYO, M. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. 2.ed. Petrópolis,RJ: Vozes,2014.
- BEZERRA, M. R. F. ; NUNES, C. Movimentos Negros no Ceará: um olhar sobre o Movimento de Mulheres Negras do Cariri. **O Público e o Privado**, v. 19, p. 49-72, 2021.
- FERREIRA, A. V.; SIRINO, M. B.; MOTA, P. F. Para além da significação ‘formal’, ‘não formal’ e ‘informal’ na Educação brasileira. **Interfaces Científicas - Educação**, v. 8, p. 584-596, 2020.
- GADOTTI, M. A questão da educação formal/não-formal. In: INSTITUT INTERNATIONAL DES DROITS DE L’ENFANT (IDE). **Droit à l’éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution?** Sion (Suíça), 2005.
- GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo . **Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 167–182, 2003.
- MARTINS, F. A. S.; AMARAL, F. B. Educação Antirracista: Potencialidades e Obstáculos. **SciELO Preprints**, v.1, s./p., 2023.
- RATTS, A. A questão étnica e/ou racial no espaço: a diferença no território e a geografia. **Boletim Paulista de Geografia**, [S. l.], v. 1, n. 104, p. 1–22, 2020.
- RATTS, A. Corpos negros educados: notas acerca do movimento negro de base acadêmica. **NGUZU: Revista do Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos**, v. 1, p. 28-39, 2011.
- SANTOS, A. P. ; SILVA, M. M. ; SILVA, S. M. . Pode entrar, seja bem-vindo (a) a nossa África Cariri: abrindo as portas e janelas do território para conhecer e refletir sobre os aspectos históricos e culturais da presença negra da região. In: NUNES, C.; COELHO, W. N. B.. (Org.). **Educação das Relações Étnico-Raciais no Cariri cearense: orientações didático-pedagógicas**. Fortaleza: Parentes, 2022, p. 18-34.
- SEVERO, J. L. R. L. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **R. Bras. Est. Pedag.** [online]. 2015, vol.96, n.244, p.561-576.
- SILVA, F. C. Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Infantil: caminhos necessários para uma Educação Antirracista. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 12, n. 33, p. 66–84, 2020.
- SILVA, M. S. P. A pedagogia da retomada: decolonização de saberes. **Articulando e Construindo Saberes**, v. 2, n. 1, 2017.